

Aula 2: Bases Teóricas da Contação de Histórias

Bem-vindo(a) à segunda aula do nosso curso! Após uma introdução ao universo da contação de histórias, mergulharemos agora nas raízes teóricas que transformam essa prática em uma poderosa ferramenta pedagógica. Compreender o "porquê" por trás da magia de contar histórias é o que diferencia um animador de um educador-narrador.

Objetivos de Aprendizagem da Aula:

Ao final destes 90 minutos, você será capaz de:

- **Analisar** as contribuições de Vygotsky, Piaget e Bruner para a prática da contação de histórias.
- **Relacionar** o ato de ouvir histórias com o desenvolvimento da linguagem oral e da competência narrativa.
- **Justificar** a importância do vínculo afetivo estabelecido durante a narração para o desenvolvimento integral da criança.
- **Identificar** como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) posiciona a contação de histórias como um eixo estruturante na Educação Infantil.
- **Compreender** o impacto neurológico das narrativas no cérebro em desenvolvimento.

Mapa da Nossa Jornada de Hoje:

1. **Os Gigantes da Psicologia:** Vygotsky, Piaget e Bruner.
2. **O Fio da Linguagem:** Como as histórias tecem a comunicação.
3. **O Abraço da Narrativa:** O poder do vínculo afetivo.
4. **A Prática Orientada:** Análise de documentos norteadores (BNCC).

Esta aula fornecerá a base conceitual para que, na próxima, possamos focar nas técnicas e na postura do professor como narrador.

Os Pilares Teóricos: Vygotsky e a Construção Social da Imaginação

Para iniciarmos nossa exploração teórica, é fundamental recorrer a Lev Vygotsky, um psicólogo cujo trabalho revolucionou a forma como entendemos a aprendizagem. Para ele, o desenvolvimento cognitivo não ocorre no vácuo, mas é profundamente influenciado pelas interações sociais e culturais. A contação de histórias, sob essa ótica, deixa de ser um mero passatempo para se tornar um veículo privilegiado de desenvolvimento, atuando diretamente naquilo que ele chamou de **Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)**.

A ZDP é a distância entre o que a criança já consegue fazer sozinha e o que ela consegue fazer com a ajuda de um adulto ou colega mais experiente. Quando um educador narra uma história, ele atua como esse mediador. A narrativa apresenta conceitos, vocabulários, estruturas de pensamento e dilemas morais que a criança talvez não alcançasse por conta própria. Através do diálogo e da condução do narrador, a criança é gentilmente elevada a um novo patamar de compreensão, internalizando essas novas ferramentas cognitivas e emocionais. A história se torna uma ponte segura para o conhecimento.

Pense em uma história que aborda o tema da partilha. Uma criança pequena pode ter uma compreensão egocêntrica do conceito. Ao ouvir e se emocionar com personagens que aprendem a compartilhar e vivenciam as consequências positivas dessa ação, ela começa a construir uma compreensão mais sofisticada e empática. O narrador, ao fazer perguntas e guiar a reflexão, está ativamente operando na ZDP da criança, transformando uma experiência de entretenimento em um andaime para o desenvolvimento social e cognitivo.

Mediação na ZDP

O educador, ao contar histórias, atua como mediador entre o conhecimento e a criança, trabalhando exatamente na zona onde ela pode avançar com ajuda.

Internalização

Através das narrativas, a criança internaliza conceitos, valores e estruturas de pensamento que seriam inacessíveis sem essa mediação.

Ponte para o Conhecimento

As histórias funcionam como pontes seguras que permitem à criança atravessar de seu conhecimento atual para novos territórios cognitivos e emocionais.

A Imaginação Como Função Psicológica Superior

A contribuição de Vygotsky vai além da ZDP. Ele argumentava que a **imaginação** não é apenas uma fuga da realidade, mas uma **função psicológica superior** essencial para o pensamento abstrato e a criatividade. Para Vygotsky, a imaginação se desenvolve a partir da experiência. Ela é a capacidade de recombinar elementos da realidade vivida para criar novas possibilidades mentais. E qual a principal fonte de matéria-prima para essa recombinação na infância? As histórias.

Uma criança que nunca viu o mar pode, através de uma narrativa rica em detalhes, imaginar o som das ondas, a textura da areia e a imensidão azul. Ela combina suas experiências sensoriais prévias (o som da chuva, a areia do parquinho, a cor do céu) em uma nova e complexa imagem mental. Esse processo é um exercício cognitivo de altíssimo nível. Ao fazer isso repetidamente, a criança não está apenas se divertindo; ela está fortalecendo as bases neurais para o planejamento, a resolução de problemas e a inovação que serão cruciais na vida adulta.

Dessa forma, a contação de histórias é um verdadeiro "treinamento" para a imaginação. Cada narrativa oferece um novo conjunto de elementos para serem desmontados e recombinações. Uma história sobre um dragão que cospe flores, por exemplo, força a criança a unir dois conceitos que em sua realidade são distintos (dragão = perigo; flores = beleza), criando uma terceira ideia, original e complexa. Essa flexibilidade mental é a semente do pensamento criativo e científico, mostrando que a fantasia e a lógica não são opostas, mas sim profundamente interligadas no desenvolvimento humano.

Recombinação de Experiências

A imaginação, segundo Vygotsky, não cria do nada - ela recombina elementos da realidade vivida pela criança em novas configurações.

"A imaginação não é um divertimento ocioso da mente, uma atividade suspensa no ar. Sua função é servir à experiência e à cognição." - Lev Vygotsky

Exercício Cognitivo

Ao imaginar cenários e personagens a partir de histórias, a criança está realizando operações mentais complexas que fortalecem circuitos neurais essenciais para:

- Pensamento abstrato
- Resolução de problemas
- Planejamento
- Criatividade

Aplicando Vygotsky na Prática da Sala de Aula

Compreender a teoria de Vygotsky nos permite qualificar nossa prática como contadores de histórias. Não se trata mais de apenas escolher um livro "bonitinho", mas de selecionar narrativas que intencionalmente desafiem e expandam o universo das crianças. A escolha do repertório passa a ser um ato pedagógico estratégico, visando ampliar a ZDP dos pequenos em áreas específicas, seja no desenvolvimento socioemocional, na linguagem ou no conhecimento de mundo.

Uma aplicação prática direta é a mediação durante e após a história. Em vez de encerrar a atividade com "Fim", o educador vygotkiano abre espaço para o diálogo. Perguntas como "O que vocês acham que o personagem sentiu quando...?" ou "O que vocês teriam feito no lugar dele?" não são meras verificações de compreensão. Elas são convites para que a criança verbalize seu processo imaginativo, conecte a ficção com sua própria vida e, com a ajuda do mediador, organize seu pensamento de forma mais complexa.

Além disso, a teoria nos encoraja a propor atividades que permitam à criança externalizar a imaginação estimulada pela história. Pedir que desenhem uma parte da narrativa, que a recontem com suas próprias palavras ou que criem um final diferente são formas de consolidar o aprendizado. A criança passa de receptora passiva a agente ativa na construção de significado, utilizando as ferramentas simbólicas oferecidas pela história para criar algo novo. É nesse momento que a aprendizagem mediada se transforma em conhecimento internalizado e autônomo.



Seleção Intencional

Escolha histórias que desafiem as crianças dentro de sua ZDP, considerando seu desenvolvimento atual e potencial.



Mediação Dialógica

Promova conversas durante e após a história que estimulem a reflexão e a conexão com experiências pessoais.



Externalização Criativa

Proponha atividades que permitam às crianças recriar e transformar a história, consolidando a aprendizagem.

A Perspectiva de Piaget e o Jogo Simbólico

Se Vygotsky nos deu a lente social, **Jean Piaget** nos oferece uma visão focada nos estágios de desenvolvimento cognitivo individual da criança. Para Piaget, a inteligência se constrói em uma sequência de estágios, e na Educação Infantil, predomina o **estágio pré-operatório** (aproximadamente dos 2 aos 7 anos). A característica mais marcante deste período é o surgimento do pensamento simbólico, que se manifesta de forma mais evidente no **jogo simbólico** ou "faz de conta".

O jogo simbólico é a capacidade da criança de usar um objeto, um gesto ou uma palavra para representar algo que está ausente. Uma caixa de papelão se transforma em um foguete, um pedaço de pano vira a capa de um super-herói. Piaget via essa atividade não como uma simples brincadeira, mas como uma ferramenta fundamental para a assimilação do mundo. Ao "fazer de conta", a criança experimenta papéis, processa emoções, resolve problemas e organiza suas experiências em um ambiente seguro e controlado por ela.

A contação de histórias é, em essência, um convite estruturado ao jogo simbólico. A narrativa fornece o roteiro, os personagens e o cenário para o "faz de conta" mental da criança. Enquanto ouve, a criança está ativamente usando sua capacidade simbólica para dar vida àquelas palavras em sua mente. Ela não está apenas decodificando sons; está construindo um teatro interno, no qual ela é a diretora, a cenógrafa e, muitas vezes, a protagonista.

2-7

Anos

Idade aproximada do estágio pré-operatório, quando o jogo simbólico está em seu auge

100%

Engajamento

Nível de participação mental da criança ao transformar palavras em imagens durante uma história

3x

Mais Rico

O jogo simbólico estimulado por histórias é tipicamente mais elaborado que o jogo livre sem referências narrativas

Conectando Histórias, Jogo Simbólico e Aprendizagem

A relação entre ouvir histórias e o jogo simbólico é uma via de mão dupla que impulsiona o desenvolvimento. Por um lado, as histórias alimentam o repertório do faz de conta. Após ouvir "Os Três Porquinhos", é comum ver crianças usando blocos para construir casinhas e soprando para derrubá-las. Elas não estão apenas imitando; estão usando a estrutura narrativa para organizar sua própria brincadeira, experimentando os papéis de construtor, vítima e vilão.

Por outro lado, a prática do jogo simbólico aprimora a capacidade da criança de compreender narrativas. Uma criança que já brincou de "médico" com seus bonecos terá mais facilidade para entender e se conectar com uma história sobre uma visita ao hospital. Sua experiência prévia no faz de conta fornece um gancho cognitivo e afetivo para o novo conteúdo. Portanto, ao estimularmos tanto a contação de histórias quanto o tempo livre para o brincar, estamos criando um ciclo virtuoso de desenvolvimento.

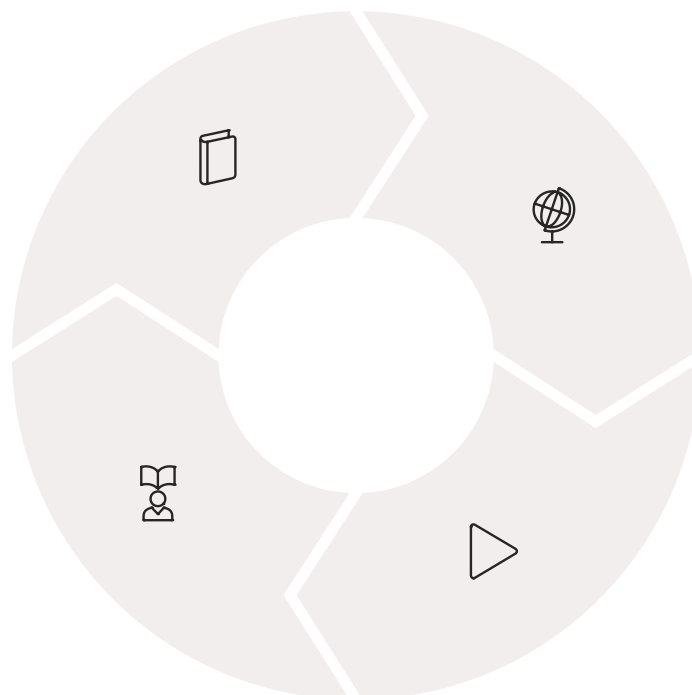
Do ponto de vista piagetiano, o papel do educador é ser um curador de narrativas que ofereçam ricos roteiros para o jogo simbólico. Histórias com sequências claras de ação, personagens com motivações distintas e cenários imaginativos são particularmente valiosas. Além disso, o professor deve prover os materiais e o espaço para que a criança possa, após a contação, traduzir a experiência auditiva em ação concreta, seja através da dramatização, do desenho ou da construção com blocos, consolidando assim sua compreensão e sua capacidade de representação simbólica.

Contação de História

Fornece estruturas narrativas, personagens e cenários como matéria-prima para o jogo simbólico

Aprendizagem

O conhecimento é assimilado e acomodado através da experiência concreta do brincar



Imaginação Ativa

A criança visualiza mentalmente os elementos da história, criando representações internas

Jogo Simbólico

A criança recria e expande a narrativa através do brincar, assumindo papéis e transformando objetos

Jerome Bruner e o Pensamento Narrativo

Complementando as visões de Vygotsky e Piaget, **Jerome Bruner** nos apresenta um conceito transformador: o **pensamento narrativo**. Bruner propôs que os seres humanos possuem duas formas principais de organizar a realidade e construir significado. A primeira é o pensamento **lógico-científico** (ou paradigmático), que busca verdades universais, categorias e explicações causais. É o pensamento da matemática e da ciência. A segunda, igualmente importante, é o pensamento narrativo.

O pensamento narrativo não se preocupa com a verdade universal, mas com a verossimilhança e a particularidade da experiência humana. Ele organiza o mundo em termos de histórias: com personagens, intenções, ações, cenários e desfechos. É através do pensamento narrativo que damos sentido aos nossos dias, interpretamos as ações dos outros, construímos nossa identidade e lidamos com as ambiguidades e contradições da vida. Não dizemos "minha taxa de serotonina diminuiu", mas sim "eu tive um dia triste porque...". Nós contamos uma história.

Bruner argumenta que a cultura nos fornece os "roteiros" para essas histórias através de mitos, contos populares e, claro, da contação de histórias na infância. Ao ouvir narrativas, a criança não está apenas aprendendo sobre o mundo; ela está aprendendo *como* pensar sobre o mundo de forma narrativa. Ela internaliza estruturas de enredo (início, meio, fim), arquétipos de personagens e modelos para resolver conflitos, que se tornam as ferramentas com as quais ela construirá o sentido de sua própria existência.

Pensamento Lógico-Científico

- Busca verdades universais
- Trabalha com categorias e classificações
- Procura relações causais diretas
- Utiliza linguagem precisa e literal
- Visa eliminar contradições

Exemplo: "A água ferve a 100°C ao nível do mar devido à pressão atmosférica."

Pensamento Narrativo

- Busca verossimilhança e significado
- Trabalha com personagens e intenções
- Aceita ambiguidades e múltiplas interpretações
- Utiliza metáforas e linguagem figurada
- Integra contradições em uma história coerente

Exemplo: "Depois de um dia difícil, encontrei conforto nas pequenas alegrias que me esperavam em casa."

A Narrativa na Construção da Identidade e da Cultura

A implicação mais profunda da teoria de Bruner é que somos, em essência, as histórias que contamos sobre nós mesmos. A contação de histórias na Educação Infantil é o primeiro e mais fundamental passo nesse processo de construção de identidade. As narrativas oferecem um espelho e uma janela: um espelho para a criança se ver refletida nas emoções e dilemas dos personagens, e uma janela para entender a perspectiva de outros que são diferentes dela.

Quando uma criança ouve uma história sobre um personagem medroso que aprende a ser corajoso, ela recebe um modelo narrativo para lidar com seus próprios medos. A história não oferece uma fórmula, mas uma possibilidade, uma trajetória de transformação. Da mesma forma, ao ouvir contos de diferentes culturas, a criança aprende que existem múltiplas maneiras de viver, de pensar e de dar sentido ao mundo, desenvolvendo a empatia e a flexibilidade cultural. A contação de histórias torna-se, assim, uma prática de construção da cidadania.

Na prática de sala de aula, isso significa valorizar as histórias que apresentam "problemas da condição humana": amizade, perda, inveja, alegria, superação. O objetivo não é dar uma lição de moral, mas sim oferecer um material narrativo rico para que a criança possa pensar. O educador, ao mediar a conversa após a história, ajuda a criança a conectar a narrativa do livro com a "narrativa" de sua própria vida, fazendo perguntas como: "Você já se sentiu como o personagem? O que aconteceu?". Esse processo valida os sentimentos da criança e lhe dá ferramentas para narrar – e, portanto, compreender – sua própria jornada.

Espelho

As histórias refletem emoções e experiências que a criança reconhece em si mesma, validando seus sentimentos e mostrando que não está sozinha em seus dilemas.

Janela

As narrativas abrem perspectivas para realidades diferentes da criança, cultivando empatia e compreensão da diversidade humana.

Mapa

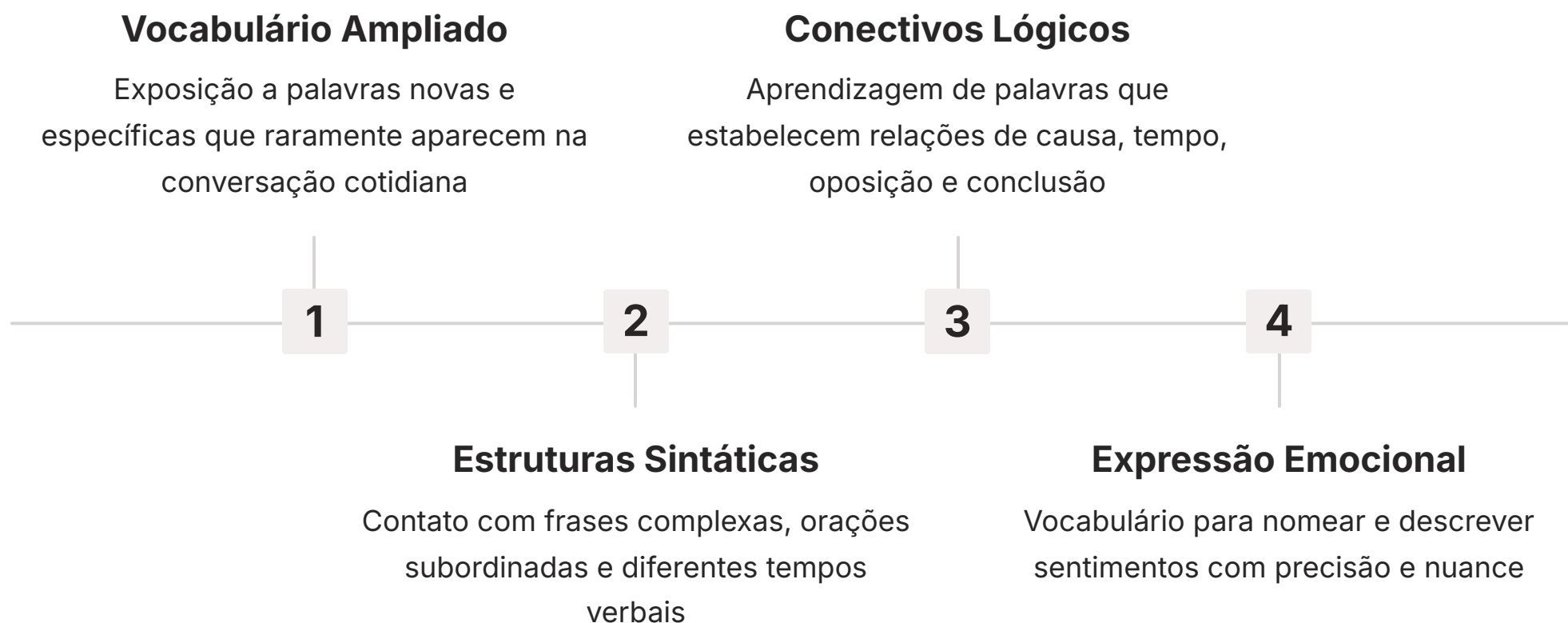
Os enredos oferecem possíveis caminhos para lidar com desafios, não como fórmulas, mas como inspiração para a criança criar sua própria trajetória.

O Fio da Linguagem: Como as Histórias Tecem a Comunicação

As bases teóricas que exploramos convergem para um dos benefícios mais visíveis da contação de histórias: o espetacular desenvolvimento da **linguagem oral**. A exposição regular a narrativas bem construídas funciona como um verdadeiro banho de linguagem, muito mais rico e estruturado do que a conversação cotidiana. As histórias apresentam às crianças um vocabulário vasto e diversificado, incluindo palavras que raramente apareceriam em um diálogo comum.

Além do vocabulário, as histórias modelam estruturas sintáticas complexas. Frases com orações subordinadas, diferentes tempos verbais e o uso de conectivos (como "enquanto isso", "apesar de", "portanto") são comuns na linguagem literária. Ao ouvir repetidamente essas estruturas, a criança as internaliza de forma natural. Seu cérebro, uma máquina de detectar padrões, começa a compreender e, eventualmente, a reproduzir essas formas mais sofisticadas de se expressar. Isso constrói a base não apenas para uma fala mais eloquente, mas também para a futura compreensão leitora e produção escrita.

Pense na diferença entre dizer "O menino correu. Ele caiu. Ele chorou." e ler em uma história: "Enquanto corria animadamente atrás da bola, o menino tropeçou em uma raiz e, com um grande susto, caiu no chão, começando a chorar." A segunda versão não apenas descreve a cena, mas estabelece relações de tempo e causa, transmite emoção e usa um vocabulário mais preciso. A exposição contínua a esse tipo de linguagem é um dos maiores presentes que podemos dar ao desenvolvimento linguístico de uma criança.



i A linguagem literária presente nas histórias é significativamente mais rica que a conversação cotidiana. Um estudo mostrou que livros infantis contêm 50% mais palavras raras do que programas de TV ou conversas entre adultos e crianças.

Da Audição à Competência Narrativa

Ouvir histórias é o primeiro passo para aprender a contá-las. O desenvolvimento da **competência narrativa** – a habilidade de organizar eventos em uma sequência lógica e coerente, com começo, meio e fim – é um marco cognitivo e linguístico fundamental. Crianças que são expostas a muitas histórias desenvolvem essa competência de forma mais robusta. Elas aprendem, por osmose, a estrutura fundamental de um enredo.

Essa habilidade é crucial para muito além da sala de aula. A competência narrativa é a base para a socialização (contar aos amigos o que aconteceu no fim de semana), para a aprendizagem (explicar para a professora como resolveu um problema) e para a saúde mental (organizar experiências confusas em uma narrativa compreensível). Uma criança que consegue narrar suas experiências é uma criança que consegue pensar sobre elas, dar-lhes sentido e comunicá-las aos outros.

O papel do educador é criar oportunidades para que essa transição da escuta para a fala aconteça. Atividades como o reconto com fantoches, a criação de histórias em grupo (onde cada criança adiciona uma parte) ou simplesmente pedir "conte-me sobre o seu desenho" são formas eficazes de estimular a produção narrativa. O professor atua como um ouvinte atento e um incentivador, ajudando a criança a estruturar seu pensamento e a encontrar as palavras para expressar suas ideias, transformando a recepção passiva em produção ativa de linguagem e significado.

Recepção Passiva

A criança ouve histórias e internaliza suas estruturas, vocabulário e padrões narrativos.

Criação Colaborativa

Em grupo, as crianças participam da criação de histórias coletivas, cada uma contribuindo com elementos.

Reconto Guiado

Com apoio do educador, a criança começa a recontar histórias conhecidas, usando recursos como fantoches ou imagens.

Produção Autônoma

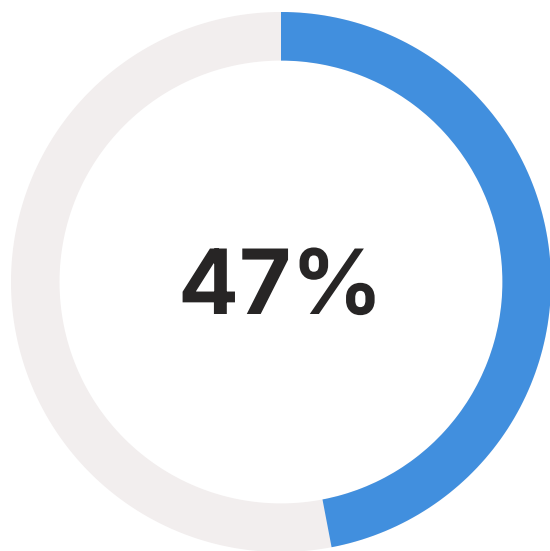
A criança desenvolve a capacidade de criar e narrar suas próprias histórias originais, organizando ideias com coerência.

O Abraço da Narrativa: A Importância do Vínculo Afetivo

Além de todos os benefícios cognitivos e linguísticos, a contação de histórias possui uma dimensão profundamente humana e afetiva. O momento da história é, muitas vezes, um dos poucos momentos do dia em que o ritmo acelerado da rotina dá lugar a uma pausa de conexão íntima e exclusiva entre o adulto e a criança (ou o grupo de crianças). Esse ato de partilhar uma narrativa cria um espaço de segurança, confiança e calor humano.

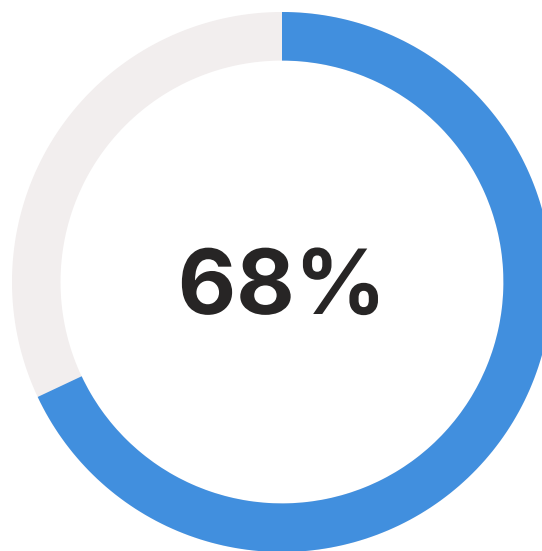
Do ponto de vista da **neurociência**, sabemos hoje que essas experiências de conexão positiva têm efeitos concretos no cérebro. A interação afetuosa, o tom de voz calmo do narrador e o contato visual liberam hormônios como a **oxitocina**, conhecido como o "hormônio do vínculo" ou "do amor". A oxitocina reduz o estresse, promove sentimentos de confiança e bem-estar e fortalece os laços sociais. Em outras palavras, a ciência confirma o que os educadores sempre souberam intuitivamente: um ambiente afetivamente seguro é o terreno mais fértil para a aprendizagem.

Quando uma criança se sente segura e conectada ao narrador, seu cérebro está mais receptivo a novas informações. As defesas diminuem e a curiosidade floresce. A história deixa de ser apenas uma sequência de palavras para se tornar uma experiência emocional compartilhada. Essa memória afetiva positiva associada ao ato de ler e ouvir é um dos maiores preditores para a formação de um futuro leitor apaixonado. A criança não aprenderá a amar os livros, mas sim a amar os momentos que os livros proporcionam.



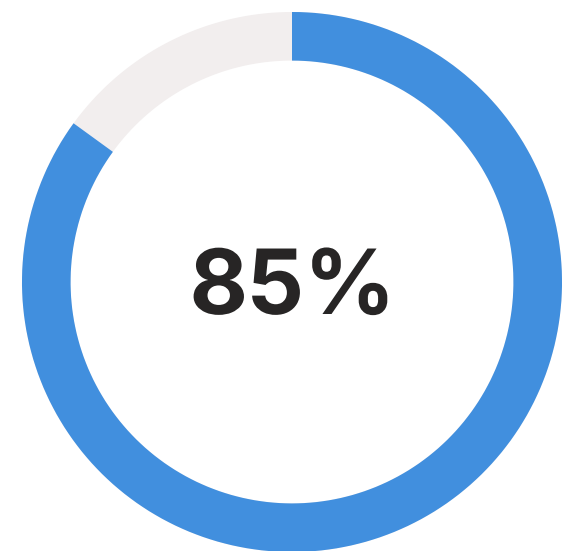
Redução de Cortisol

Diminuição média do hormônio do estresse durante momentos de contação de histórias em ambiente acolhedor



Aumento de Oxitocina

Elevação do "hormônio do vínculo" durante interações de leitura compartilhada entre adulto e criança



Retenção de Conteúdo

Percentual de informações retidas quando apresentadas em contexto emocionalmente positivo versus neutro

A Contação de Histórias na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Toda essa fundamentação teórica encontra respaldo e orientação prática nos documentos norteadores da educação brasileira, principalmente na **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. A BNCC representa uma mudança de paradigma fundamental, retirando a contação de histórias do rol de atividades esporádicas ou de "hora do conto" para posicioná-la como uma prática pedagógica central e intencional, um verdadeiro **eixo estruturante** do currículo na Educação Infantil.

A Base está organizada em **Campos de Experiência**, e as narrativas permeiam todos eles. A BNCC não prescreve "aulas de contação de histórias", mas sim integra a linguagem narrativa como uma estratégia essencial para garantir os **seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento**: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. As histórias são o veículo perfeito para que todos esses direitos sejam vivenciados na prática.

Essa abordagem eleva a responsabilidade e a intencionalidade do educador. A escolha de uma história, a forma de contá-la e as atividades subsequentes devem ser planejadas com base nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento definidos para cada faixa etária. A BNCC nos convida a enxergar as histórias não como entretenimento, mas como experiências de aprendizagem potentes e integradoras.

NOTA IMPORTANTE: As informações regulatórias/legais/técnicas contidas nesta seção estão atualizadas até 2024. Consulte sempre as fontes oficiais do Ministério da Educação para verificar possíveis alterações na legislação ou normas aplicáveis à BNCC.

Conviver

Histórias promovem diálogos sobre diferenças e semelhanças, estimulando o respeito à diversidade

Conhecer-se

Identificação com personagens ajuda na construção da identidade

Expressar

Recontos e dramatizações desenvolvem múltiplas linguagens expressivas



Brincar

Narrativas inspiram brincadeiras simbólicas e jogos de faz de conta

Participar

Rodas de histórias incentivam a participação ativa e a colaboração

Explorar

Contos despertam a curiosidade sobre diferentes temas e culturas

O Campo de Experiência "Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação"

A conexão mais explícita da contação de histórias com a BNCC se dá no campo de experiência **"Escuta, fala, pensamento e imaginação"**. Este campo, por si só, é uma síntese de tudo o que discutimos até agora. Ele reconhece que a constituição da criança como sujeito se dá na e pela linguagem. A contação de histórias é a atividade por excelência para trabalhar os objetivos propostos nesta área.

Vamos analisar alguns objetivos de aprendizagem da BNCC para crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) e ver a conexão direta. Um dos objetivos é: *"Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história."* (EI03EF06). Isso ecoa diretamente as teorias de Bruner sobre a internalização de estruturas narrativas e as de Vygotsky sobre a construção social do conhecimento. A história ouvida se torna matéria-prima para a criação autoral da criança, mediada pelo grupo e pelo professor.

Outro objetivo é *"Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura."* (EI03EF03). Ao manusear livros de contos, fábulas, poemas e lendas, a criança começa a perceber, com a mediação do educador, que existem diferentes formas de contar uma história, com diferentes propósitos e estruturas. A contação de histórias se torna, assim, o ponto de partida para o letramento, desenvolvendo a consciência sobre os múltiplos usos da linguagem escrita e oral. A prática deixa de ser aleatória e passa a ser uma ação pedagógica direcionada e alinhada a um currículo nacional.

Código BNCC	Objetivo de Aprendizagem	Prática de Contação
EI03EF01	Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita.	Roda de conversa após a história, relacionando o enredo com experiências pessoais.
EI03EF03	Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos.	Exploração de diferentes tipos de livros: contos de fadas, fábulas, poemas, histórias cumulativas.
EI03EF04	Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações.	Reconto com fantoches, dramatização em grupo, criação de livros ilustrados pelas crianças.
EI03EF07	Levantar hipóteses sobre textos, observando aspectos gráficos.	Leitura compartilhada com destaque para elementos do texto: título, autor, ilustrações.

A Narrativa Como Fio Condutor de Múltiplas Experiências

Embora o campo "Escuta, fala, pensamento e imaginação" seja o lar mais evidente da contação de histórias, sua força na BNCC reside em sua capacidade de transbordar e integrar todos os outros campos. Uma única história pode gerar um projeto multidisciplinar que mobiliza o desenvolvimento integral da criança, conectando diferentes áreas do conhecimento de forma significativa.

Pensemos na história "A Lagartinha Comilona", de Eric Carle. A partir dessa narrativa, podemos explorar:

- **"Traços, sons, cores e formas"**: As crianças podem criar suas próprias lagartas e borboletas usando diferentes técnicas de pintura e colagem, explorando as cores e formas presentes no livro.
- **"Corpo, gestos e movimentos"**: Podem imitar o movimento da lagarta se arrastando, a construção do casulo e o voo da borboleta, desenvolvendo a consciência corporal.
- **"Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações"**: Podem contar os alimentos que a lagarta comeu, trabalhar a sequência dos dias da semana e discutir o conceito de transformação (metamorfose), uma introdução lúdica a conceitos científicos.
- **"O eu, o outro e o nós"**: A história pode gerar conversas sobre fome e saciedade, sobre o que é saudável comer e sobre o processo de crescimento de cada um.

Essa abordagem, alinhada à neurociência que comprova que a aprendizagem é mais eficaz quando múltiplas áreas do cérebro são ativadas simultaneamente, mostra que a contação de histórias não é uma atividade isolada. Ela é o ponto de partida, o fio condutor que pode amarrar todo o planejamento pedagógico, tornando a aprendizagem uma experiência coesa, integrada e, acima de tudo, cheia de sentido para a criança.



Traços, Sons, Cores e Formas

- Criar lagartas com materiais diversos
- Explorar as cores das frutas da história
- Compor músicas sobre a metamorfose



Corpo, Gestos e Movimentos

- Dramatizar o movimento da lagarta
- Dançar imitando o voo da borboleta
- Criar circuito motor inspirado na história



Espaços, Tempos, Quantidades

- Contar os alimentos da história
- Sequenciar os dias da semana
- Observar lagartas reais e seu ciclo



O Eu, o Outro e o Nós

- Conversar sobre alimentação saudável
- Discutir o processo de crescimento
- Compartilhar experiências de transformação

Síntese e Próximos Passos

Nesta aula, construímos um alicerce teórico robusto para a nossa prática como contadores de histórias. Vimos que, longe de ser apenas uma diversão, a narrativa é uma ferramenta sofisticada que impulsiona o desenvolvimento cognitivo, linguístico, social e afetivo.

Resumo Visual dos Conceitos-Chave:



Vygotsky

A história como mediação na Zona de Desenvolvimento Proximal e como exercício para a **imaginação**.



Piaget

A narrativa como um roteiro para o **jogo simbólico**, essencial para a assimilação do mundo.



Bruner

O **pensamento narrativo** como uma forma fundamental de dar sentido à experiência e construir a identidade.

Linguagem & Vínculo

As histórias como fonte de riqueza linguística e como criadoras de um **vínculo afetivo** seguro, potencializador da aprendizagem.

BNCC

A contação de histórias como **eixo estruturante** e integrador dos Campos de Experiência, garantindo os direitos de aprendizagem.

Perguntas para Reflexão:

1. Como a compreensão da ZDP de Vygotsky pode mudar a forma como você escolhe e media uma história para um grupo específico de crianças?
2. Pense em uma brincadeira de "faz de conta" que você observou. Como você poderia conectar essa brincadeira a uma história específica para enriquecê-la?
3. De que forma a contação de histórias pode ser usada em sua prática para ajudar uma criança a narrar e compreender uma experiência difícil que ela viveu?

Conexão com a Próxima Aula:

Agora que temos o "porquê", estamos prontos para explorar o "como". Na **Aula 3 – O Professor como Narrador: Postura e Recursos Pessoais**, vamos traduzir toda essa teoria em ações práticas. Abordaremos o uso da voz, do corpo, do olhar e de outros recursos para dar vida às narrativas e maximizar seu impacto pedagógico.



Recursos Adicionais Recomendados:

1. **Livro:** "A Importância do Ato de Ler", de Paulo Freire.
2. **Livro:** "A Criança e o Saber: O Papel da Transmissão na Relação com o Conhecimento", de Bernard Charlot.
3. **Documento:** Leitura completa da seção de Educação Infantil da Base Nacional Comum Curricular (disponível online no site do MEC).

Lembre-se: ao contar uma história, você não está apenas passando o tempo. Você está construindo cérebros, tecendo relações e oferecendo às crianças as ferramentas para que elas possam narrar, e assim criar, seus próprios mundos.